



NEA “ARANDU”: EMPODERAMENTO JOVEM INTEGRANDO MEMÓRIA, SABEDORIA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

NEA “Arandu”: young empowerment while integrating memory, wisdom and agroecological knowledge construction

¹ Professor do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Santa Teresa. E-mail: lusineriop@ifes.edu.br

² Professora do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Itapina. E-mail: katiasz@ifes.edu.br

³ Doutorando(a) da Universidade Estadual do Norte Fluminense

⁴ E-mail: pmaialosardo@gmail.com

⁵ E-mail: agrojoaoeduardo@yahoo.com.br

⁶ Graduando(a) do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Santa Teresa;

⁷ E-mail: bonadimanpaula@gmail.com

⁸ E-mail: millena_monteiro@hotmail.com

⁹ E-mail: juninho.frizzera@msn.com

¹⁰ E-mail: eduardo.franceoza@hotmail.com

¹¹ E-mail: franciscobd@ifes.edu.br

¹² E-mail: joaonc@ifes.edu.br

¹³ francyysms@gmail.com

¹⁴ Estudante de Curso Técnico do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Santa Teresa

¹⁵ E-mail: humbertojuniovieira@hotmail.com

¹⁶ E-mail: rbonneze@gmail.com

¹⁷ E-mail: antonioborsoiif@gmail.com

¹⁸ E-mail: marciaseif@hotmail.com

¹⁹ E-mail: mykeli.mattedi@gmail.com

²⁰ E-mail: oaovitor.zuffelato@hotmail.com

²¹ E-mail: ester.chiabai@hotmail.com

²² E-mail: maridiasflor@gmail.com

²³ E-mail: mykaela02mattedi@gmail.com

²⁴ Graduando da Universidade Federal de Lavras. E-mail: phenriqueliz@gmail.com

²⁵ Graduanda da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. E-mail: silviacarmopro@gmail.com

²⁶ E-mail: keniabcarmo@gmail.com

²⁷ Engenheiro Agrônomo pelo Instituto Federal do Espírito Santo, campus Santa Teresa. E-mail: eloisioeom@gmail.com

²⁸ Engenheiro Agrônomo da Associação Santa Teresa de Agroecologia. E-mail: wemersoncb2011@hotmail.com

²⁹ Professora da Prefeitura Municipal de Colatina. E-mail: alineav4@hotmail.com

³⁰ E-mail: danisteiners@gmail.com

³¹ Graduanda da Universidade Federal de Viçosa;

³² E-mail: gabryele.sr@gmail.com

Prezotti, L.¹; Zorthêa, K.S.²; Lo Sardo, P.M.^{3,4}; Ávila, J.E.T.^{3,5}; Bonadiman, P.A.^{6,7}; Santos, M.M. dos^{6,8}; Frizzera Junior, J.L.^{6,9}; Oza, E.F.^{6,10}; Daleprane, F.B.^{1,11}; Colombo, J.N.^{1,12}; Silva, F.M. da^{6,13}; Lucas Junior, H.V.^{14,15}; Gomes, R.B.^{14,16}; Borsoi Neto, A.C.^{14,17}; Seif, M.E.^{14,18}; Mattedi, M.L.^{14,19}; Zuffelato, J.V.^{14,20}; Alves, E.C.^{14,21}; Ribeiro, M.D.F.^{6,22}; Mattedi, M.B.^{6,23}; Luiz, P.H.D.²⁴; Carmo, S.B. do²⁵; Carmo, K.B. do^{6,26}; Martins, E. de O.²⁷; Ballester, W.C.²⁸; Vago, A.A.²⁹; Schimildt, D.S.^{6,30}; Ramos, G.S.^{31,32}; Pereira, N.L. de A.³³; Soares, T.C.^{31,34}; Mangeiro, M.Z.^{6,35} e Coutinho, J.R.^{6,36}.

RESUMO

A sistematização de experiências permitiu a construção de uma visão ampliada e crítica da importância estratégica do NEA Arandu, no contexto em que está inserido. Alguns instrumentos metodológicos foram singulares na construção das reflexões da identidade Arandu, tais como a Instalação Artístico-pedagógica; o Rio do Tempo, a Matriz de Sistematização; e a Rosa dos Ventos. A sistematização possibilitou, também, uma avaliação em relação à trajetória de atuação do Arandu, expondo potencialidades e fragilidades. Ficou evidenciado que o Arandu cumpre uma função agregadora e potencializadora das ações que fortalecem a tríade agroecológica da ciência, movimento e prática. O seu papel (trans)formador cresce em importância por envolver principalmente um público jovem.

Palavras-chave: Sistematização, Metodologias, Educação, Parcerias.

ABSTRACT

The systematization of experiences enabled the realization of an enlarged and analytical view of the strategic importance of the NEA Arandu, in the context in which it is inserted. Some methodological instruments were unique in the construction of Arandu identity reflections, such as: Artistic-pedagogical Installation; The River of Time, the Systematization Matrix and the Wind Rose. The systematization also made possible an evaluation in relation to Arandu's trajectory, showing its potentialities and weaknesses. It was evidenced that Arandu fulfills aggregating and potentiating function of the actions that strengthen the agroecological triad of science, movement and practice. Its (trans)former role is growing in importance as it mainly involves a young audience.

Keywords: Systematization, Methodologies, Education, Partnerships.

³⁴ E-mail: thamiresoares00@gmail.com - Graduanda da Universidade Federal de Viçosa;

³⁵ E-mail: marizmangeiro@hotmail.com

³⁶ E-mail: joseribeirohm@gmail.com;

Recebido em:

14/08/2017

Aceito para publicação em:

21/02/2017

Correspondência para:

lusineriop@ifes.edu.br

Reconstrução histórica

Uma escola federal de ensino profissionalizante de nível médio na área agropecuária, localizada em ambiente rural da região Central Serrana do Espírito Santo, com tradição de setenta anos de ensino no modelo convencional (com forte base nas tecnologias propagadas pela Revolução Verde) e que há pouco mais de um ano havia se fundido a outras escolas Agrotécnicas e aos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) para, juntos, se transformarem no Instituto Federal do Espírito Santo – IFES. Este é o cenário no qual se insere, em 2010, o Núcleo de Estudos em Agroecologia - NEA do Campus Santa Teresa e que, mesmo com algumas peculiaridades, não difere da realidade da maioria dos NEAs que foram criados em Instituições de Ensino Agrícola mais antigas.

O Campus iniciava em 2010 suas primeiras experiências com Ensino Superior, a partir da criação dos cursos de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Licenciatura em Ciências Biológicas e Bacharelado em Agronomia. Até então, toda a infraestrutura física e o quadro de servidores era adaptado a atender a demanda do Curso Técnico Integrado em Agropecuária, do Curso Técnico Subsequente em Meio Ambiente e do Curso Técnico em Agroindústria na modalidade EJA.

A matriz curricular e os projetos pedagógicos dos cursos em andamento seguiam um padrão tradicional e, por mais que expressassem um desejo de favorecer a integração, a interdisciplinaridade do ensino e a indissociabilidade deste com a pesquisa e a extensão, na prática isso não era promovido e poucas ações seguiam essa direção. Nesse sentido, cabe um “parêntese” em relação ao curso técnico em agropecuária e ao curso superior de agronomia que, ao contrário da maioria dos cursos da área agrária, já apresentavam em suas matrizes curriculares a disciplina de agroecologia como matéria obrigatória, divergindo da realidade dos currículos tradicionais, que não oferecem ou oferecem como optativas disciplinas que rompem com o modelo convencional.

Apesar da agroecologia constar na matriz curricular dos cursos da área agrária, essa não era (e ainda não é!) a filosofia que pautava o modelo educacional do campus, mas sua inserção como matéria curricular representou uma importante conquista, obtida durante a reforma do projeto de curso do ensino técnico e a construção do projeto do curso superior, no ano de 2008. Este avanço permitiu uma incipiente, mas significativa mudança na estrutura organizacional do campus, em que uma área de aproximadamente seis hectares foi destinada às atividades práticas da disciplina de agroecologia. Atualmente essa área é reconhecida como Setor de Agroecologia e está inserida no organograma institucional.

Mesmo com pouca estrutura de apoio (infraestrutura física e força de trabalho) disponível no Setor de Agroecologia, a existência dessa área foi fundamental no momento de construção da primeira proposta de criação de um NEA no campus, quando, em maio de 2010, recebemos uma carta convite do consórcio interministerial formado pelo Ministério da Educação (SETEC/MEC), pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SDC/MAPA) e pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (SECIS/MCT), que tinha como objetivo geral promover a implantação e consolidação de Núcleos de Estudo em Agroecologia nos Institutos Federais e nos Colégios Técnicos vinculados às Universidades Federais que tivessem cursos de nível médio ou superior na área de ciências agrárias.

A iniciativa do consórcio interministerial, além de bastante oportuna no momento, foi muito importante para revelar que as perspectivas de expandir os saberes agroecológicos nas instituições de ensino agrícola haviam rompido limites e não mais se restringiam a iniciativas pontuais ou locais, mas estavam inseridas numa dimensão política mais ampla, em nível federal, abrindo possibilidades de trocas de experiências e de trabalho em rede. Essa era a oportunidade de formalizar a criação de um NEA no campus e paralelamente obter recursos para estruturar o setor de agroecologia como um espaço dinâmico e contínuo de construção do conhecimento agroecológico.

Nesse contexto, foi construído o projeto que deu origem ao NEA no campus Santa Teresa, intitulado “Núcleo de Desenvolvimento Agroecológico: espaço de congregação, validação e irradiação de saberes agroecológicos” (PREZOTTI, 2011). O eixo principal do projeto era a implantação de Unidades Demonstrativas Agroecológicas adaptadas ao contexto da agricultura familiar, como: sistema

agroflorestal; hortas diversificadas integrando hortaliças convencionais, não convencionais e medicinais; multiplicação de sementes de adubos verdes; produção de insumos alternativos (compostagem, vermicompostagem e biofertilizante); e criação orgânica de pequenos animais, conforme descrito por Prezotti et al. (2012).

Apesar de focar em aspectos práticos, na concepção do projeto, houve um cuidado especial com a formação teórica dos futuros integrantes do NEA que, pelas características do campus, seriam essencialmente jovens. O campus possuía cerca de 250 estudantes do ensino técnico em agropecuária e aproximadamente 30 ingressantes do curso superior de agronomia. O NEA, para esses jovens, deveria representar um ambiente de quebra de paradigmas, ou seja, de desconstrução de conhecimentos formatados e convencionais e reconstrução de saberes numa lógica sistêmica, holística e interdisciplinar.

Assim, a condução das ações, assumidas como metas no projeto, deveria ser protagonizada pelos jovens integrantes do NEA a partir de vivências práticas associadas obrigatoriamente a um empoderamento teórico, na expectativa de que o contato desses jovens com realidades mais sustentáveis (na lógica multidimensional apresentada por Caporal & Costabeber, 2002), seria um primeiro passo essencial para o despertar de uma consciência crítica capaz de gerar indivíduos com posicionamentos transformadores nos diferentes contextos de suas vidas profissionais.

O projeto foi aprovado em agosto de 2010 e no mês seguinte foi lançado um edital interno para seleção dos vinte bolsistas que integrariam a equipe do NEA. Apesar do edital ter permitido a participação de estudantes de diferentes cursos e modalidades de ensino, apenas estudantes do ensino técnico em agropecuária se inscreveram, e durante os dois anos de vigência do projeto, por mais que se tenha feito o convite para participação da comunidade acadêmica, a composição do NEA se restringiu basicamente aos vinte bolsistas e ao professor coordenador. Essa característica de predominância de integrantes do ensino técnico em agropecuária mudou a partir da renovação da equipe de bolsistas em 2013, com a aprovação do projeto de manutenção do NEA, por meio da chamada MCTI/MEC/MAPA/CNPq Nº 46/2012.

Nessa nova fase do NEA (janeiro/2013 a junho/2015), uma nova característica surgiu na composição do Núcleo, com a participação de estudantes de diferentes cursos e modalidades de ensino do campus e a presença espontânea de um número significativo de voluntários, o que garantiu, e garante até os dias de hoje, a resiliência do Núcleo frente aos desafios e às dificuldades inerentes aos grupos que se dispõem a quebrar os paradigmas do modelo convencional, enraizado nas instituições de ensino agrícola.

Até o segundo semestre de 2016, o NEA não tinha um nome que o representasse, e era conhecido apenas como “Núcleo de Estudos em Agroecologia do campus Santa Teresa”. Entendendo a importância de marcar sua trajetória de seis anos de envolvimento ativo na luta em prol do desenvolvimento da agroecologia, os integrantes do NEA, em reunião realizada no dia 13 de outubro daquele ano, aprovaram como nova denominação do grupo o vocábulo Tupi “Arandu” (do povo Guarani), que significa “saber, conhecimento, sabedoria”. Arandu é um convite a “sentir o tempo” assim como a “deixar o tempo agir na pessoa” e remete também à memória e o respeito ao conhecimento acumulado pelos mais antigos.

O NEA Arandu atualmente encontra-se institucionalizado na forma de um Programa Contínuo de Extensão junto à Pró-reitoria de extensão do IFES. A institucionalização permite que sejam vinculados projetos na perspectiva de obtenção de apoio financeiro, a partir de editais internos, e garante as formalidades burocráticas necessárias para viabilizar o desenvolvimento de ações em parceria com as diferentes instituições envolvidas com o movimento agroecológico no Brasil.

A iniciativa pioneira do NEA Arandu estimulou a criação de mais dois NEAs na Instituição, e um terceiro encontra-se em vias de ser criado. A expectativa é que uma Rede de NEAs seja construída no IFES e que essa Rede seja aberta à participação da sociedade por meio da criação e manutenção do primeiro Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia do Espírito Santo.

Caminhos metodológicos

O NEA Arandu acumula um número expressivo de ações desenvolvidas ao longo de sete anos de existência, o que aumentou naturalmente sua visibilidade no contexto do movimento agroecológico. Isso tem possibilitado ao NEA ampliar seus horizontes de atuação e protagonizar ações relevantes para o desenvolvimento da agroecologia capixaba, sem, contudo, desconsiderar o pioneirismo e a luta de todos os atores e instituições que possibilitaram colocar a agroecologia e a agricultura orgânica em evidência no cenário estadual e nacional.

Nessa perspectiva, o NEA Arandu tem respeitado o princípio sistêmico de Rede, de forma a gerar cooperação e possibilitar o aprendizado por meio do compartilhamento de conhecimentos e do fortalecimento das ações que já vinham sendo conduzidas por aqueles que hoje são nossos parceiros imprescindíveis, como as entidades governamentais e da sociedade civil que compõem a Comissão de Produção Orgânica do Estado (CPOrg-ES) e os movimentos sociais e instituições que compõem a Articulação Capixaba de Agroecologia (ACA).

No compromisso do trabalho em Rede também em nível regional, o NEA Arandu assumiu o compromisso de apoio ao Projeto intitulado “Comboio Agroecológico: rede de núcleos do Sudeste” (coordenado pela Universidade Federal de Viçosa). Essa experiência colocou os integrantes do NEA em contato com metodologias nunca vivenciadas anteriormente, o que mudou significativamente a visão do grupo em relação, principalmente, às potencialidades das metodologias participativas nos processos de construção do conhecimento agroecológico.

Tal fato suscitou na equipe o anseio por aprimorar suas metodologias de trabalho e ressignificar suas ações, no contexto apresentado por Falkembach (s.d.) da (re)visão de rumos, do (re)traçado de caminhos e da (re)organização de processos. As metodologias que nos orientariam nessa reflexão passariam por uma “Sistematização de Experiências”, proposta pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), com o objetivo principal de analisar as práticas de construção do conhecimento agroecológico dos núcleos. Essa intenção foi apresentada no Seminário da Regional Sudeste, realizado em Sete Lagoas – MG. Naquela ocasião, foram selecionados três NEAs na região Sudeste para passarem pelo processo de sistematização de experiências. O NEA Arandu foi um dos selecionados e a Oficina de Sistematização de Experiências ocorreu nos dias 28, 29 e 30 de abril de 2017, no Centro de Treinamento do IFES campus Santa Teresa, reunindo cerca de cinquenta participantes, incluindo componentes e ex-componentes do NEA, parceiros estaduais e convidados dos demais estados da Região Sudeste.

No processo de sistematização de experiências utilizou-se de uma pluralidade de metodologias para fortalecer a construção participativa e a socialização de conhecimentos agroecológicos. Dentre os instrumentos metodológicos utilizados e que tiveram papel singular na construção das reflexões da identidade Arandu, merecem destaque a Instalação Artístico-pedagógica, o Rio do Tempo e a Matriz de Sistematização propostas pela equipe do “Projeto de Sistematização”, além da Rosa dos Ventos, que foi proposta pelo próprio NEA Arandu.

A Instalação Artístico-pedagógica

A Instalação Artístico-pedagógica é um espaço que se utiliza de elementos e apoios variados para a interação entre as experiências e os saberes dos participantes. Buscando qualificar as reflexões dos membros do Arandu, nos preparativos para a chegada dos participantes da Oficina de Sistematização, em uma das reuniões semanais, vivenciou-se uma Instalação Artístico-pedagógica com a temática: “Eu sou assim”. Todos foram incentivados a levar para a instalação materiais que simbolizassem o seu perfil individual e foram estimulados a apresentar o elemento escolhido e suas relações com a Agroecologia. A instalação trouxe elementos da realidade dos membros, criando um ambiente de reflexão coletiva. Na Oficina de Sistematização montou-se uma nova instalação com elementos variados, com o objetivo de socializar as experiências vivenciadas pelos participantes.

O Rio do Tempo

O Rio do Tempo tem por objetivo relembrar as histórias vivenciadas pelos participantes do núcleo, a partir de perguntas problematizadoras. As perguntas que orientaram o início das reflexões para desenvolver essa metodologia foram: (1) Qual a lembrança mais forte quando se fala do Espírito Santo em relação à Agroecologia? (2) Qual experiência mais forte quando pensamos no ARANDU?

No espaço em que se deu a construção do Rio de Tempo, os participantes foram convidados a colocar, a partir das perguntas, uma ideia, uma palavra, um evento, um conceito e escrevê-los em tarjetas, de forma que todos pudessem ver. Assim as ideias poderiam ser compartilhadas e a construção do rio (memória das atividades numa perspectiva histórica), de seus afluentes (parcerias) e da sua mata ciliar (sentimentos e emoções) seria coletiva.

A Matriz de Sistematização

A Matriz de Sistematização é uma metodologia utilizada para organizar o processo de sistematização da experiência. Traz nove temas principais e oito temas transversais que permitem analisar as experiências do núcleo. O objetivo desta metodologia foi auxiliar no processo de sistematização das experiências, por meio da priorização de temas que se mostraram mais significativos para a reflexão do grupo, definindo os principais aspectos das experiências que o núcleo queria analisar.

A atividade se desenvolveu inicialmente com as pessoas do Arandu, depois com os convidados, destacando os temas que mais identificam o grupo. Para a sistematização da experiência Arandu, foram escolhidos os seguintes temas: (1) Processos Educativos; (2) Equipes, parcerias e atores; e (3) Juventudes. As questões orientadoras, expostas no caderno de sistematização (CADERNO, 2017), não foram seguidas à risca, mas se mostraram um excelente guia. Após a definição dos temas, os grupos de trabalho refletiram intensamente sobre ações realizadas, resultados alcançados entre outros aspectos apresentados na matriz.

A Rosa dos Ventos

Após a Oficina de Sistematização, pensando em aprofundar a análise da sua história, o Arandu reencontrou seus membros, no dia 28 de julho com a intenção de retomar a Matriz de Sistematização e analisar algumas passagens marcantes dessa trajetória. A primeira atividade foi uma grande “tempestade de ideias” que projetou coletivamente uma listagem de experiências desenvolvidas pelo NEA. Os temas “Processos Educativos” e “Juventudes” foram escolhidos durante a Oficina de Sistematização. A partir deles, foram definidas três experiências do Arandu para um aprofundamento das reflexões, sendo estas: (I) Feira agroecológica em parceria com a Associação Santa Teresa de Agroecologia (ASTRAL); (II) Projeto Sementes Crioulas; e (III) Projeto Inclusão em Movimento em parceria com a Pestalozzi.

Optou-se pela metodologia “Rosa dos Ventos” (BRANDÃO, 2014) que articula a ideia de síntese, através da escolha de oito palavras-conceitos que traduzem aspectos marcantes da experiência. Após a escolha das oito palavras, procede-se a elaboração de um texto livre, utilizando-se todas as palavras-chave.

Reflexões

As metodologias vivenciadas durante o processo de sistematização de experiências possibilitaram, além de um resgate da memória (destacada no item anterior), uma avaliação da atuação do Arandu ao longo da sua existência. Ficou evidenciado a partir do “rio do tempo” que o Arandu é fruto de sonhos e lutas muito anteriores à sua criação, quer seja no cenário capixaba ou nacional de fortalecimento da agroecologia.

Em nível estadual, entre os anos de 1989 e 2005, atores como a Associação de Programas em Tecnologias Alternativas (APTA), Grupo Kapi'xawa, Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), ACA e outros, romperam com paradigmas conceituais e práticos defendidos pelo modelo convencional de produção e hoje são referências para núcleos emergentes, como é o caso do Arandu. Esses referenciais são tratados com muito respeito dentro do NEA Arandu e balizam suas ações. No cenário nacional, a Associação Nacional de Agroecologia (ANA) e da ABA que foram essenciais para a construção das políticas públicas relacionadas à agroecologia, dentre elas os editais de apoio financeiro que viabilizaram a criação e manutenção dos NEAs.

A análise do “rio do tempo” revelou que o Arandu teve três momentos bem distintos ao longo de sua trajetória e esses momentos tiveram uma relação direta com o aporte de recursos captados a partir dos editais de fomento direcionados aos NEAs. O primeiro momento (2010-2012) foi o de criação/estruturação, viabilizado por meio da Carta Convite da SETEC/MEC-SDC/MAPA-SECIS/MCT; o segundo momento (2013-2015) foi o de estruturação/expansão, em que o NEA ampliou suas ações para além dos limites do campus, em nível estadual, fomentado com recursos da chamada MCTI/MEC/MAPA/CNPq Nº 46/2012; e o terceiro momento (a partir de 2016) foi o de consolidação, em que o Arandu, já institucionalizado, alcançou visibilidade em nível Regional e, apoiado pelas parcerias estaduais (em especial pela Articulação Capixaba de Agroecologia e pelos outros dois NEAs do Instituto), conduziu coletivamente a construção da proposta de criação de um Centro Vocacional Tecnológico (CVT), a partir da Chamada MCTIC/MAPA/MEC/SEAD - Casa Civil/CNPq Nº 21/2016.

Numa análise geral, percebeu-se, claramente, uma característica de transversalidade nesses três momentos em relação ao direcionamento das ações do Arandu para os “processos educativos”. Essas ações, desde o seu planejamento, buscam respeitar os princípios da autonomia dos membros do grupo, da confiança mútua e da horizontalidade na construção do conhecimento agroecológico. Segundo Freire (2005), o diálogo é central para construção da educação libertadora, pois, mais do que um método, o diálogo é um compromisso dos sujeitos históricos com a emancipação humana. O diálogo é a palavra verdadeira, constituído por ação e reflexão, “(...) sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação” (FREIRE, 2005, p. 96).

Essa percepção se confirmou, durante o processo de Sistematização, a partir da “eleição de prioridades” e das reflexões baseadas na “matriz de sistematização”, em que dois temas despontaram como mais representativos das ações do NEA Arandu: os “processos educativos” e a “juventude”. Isso revelou o que, de fato, tem sido o principal eixo de atuação do Arandu, ou seja, o protagonismo dos estudantes na realização de ações que promovam uma educação transformadora na perspectiva multidimensional da sustentabilidade agroecológica.

Uma das experiências, muito citada durante a Sistematização e que ilustra bem esse eixo de atuação, é a realização de “oficinas agroecológicas” conduzidas pelos membros do Arandu para atendimento à demanda de diferentes públicos (idades, níveis de escolaridade, pessoas do campo e da cidade). Essas oficinas acontecem dentro e fora do campus e todas possuem como características comuns a necessidade de planejamento em equipe, capacitação teórica, exercício prático anterior e habilidade de comunicação.

Dentre as oficinas realizadas, a intitulada “Da terra à mesa: uma perspectiva agroecológica de produção e consumo” abordava desde aspectos técnicos de produção até aspectos relacionados ao consumo consciente. Eram momentos muito ricos de trocas de experiências, em que era possível observar o grau de apropriação dos conceitos e das práticas trabalhadas no Núcleo, como se pode notar no depoimento de uma ex-integrante:

(...) no NEA as experiências eram marcadas pelo trabalho em equipe e pelo fato de podermos dividir nossos conhecimentos entre prática e teoria. Nós convivemos e vivenciamos momentos únicos de sermos estudantes e ao mesmo tempo podermos ser palestrantes de assuntos muito comuns, mas que muitos não conheciam. E víamos resultados importantes para nós (Nayane Lopes de Araujo Pereira).

A agroecologia é por princípio inter/transdisciplinar, como destacado por Caporal (2009) e por Barros e Araújo (2016). A integração entre as diversas áreas de conhecimento, como afirma Milanezi et

al. (2016), auxilia os estudantes nas suas vivências, nos seus aprendizados e na compreensão das realidades. Assim, os estudantes são capazes de compreender e relacionar os saberes de diferentes áreas do conhecimento e encontrar soluções viáveis a partir de uma lógica transdisciplinar. Por outro lado, vários dos integrantes do NEA Arandu, são filhos de agricultores convencionais e, muitas vezes, o desejo de aplicar seus conhecimentos nos próprios núcleos familiares esbarra numa forte resistência cultural, surgindo conflitos quando as novas perspectivas são levadas pelo estudante.

Além das oficinas, que apresentam um caráter de formação ligada à dimensão produtiva da agroecologia, o NEA Arandu desenvolve e/ou apoia ações que auxiliam, também, na formação humana e integral dos seus membros. Nesse contexto, três experiências serão utilizadas para continuar nossas reflexões em relação à importância do Arandu no processo de construção do conhecimento agroecológico. A escolha dessas experiências, dentre as várias que o NEA Arandu desenvolve, foi feita pelos integrantes do Núcleo considerando sua relevância e abrangência em relação aos aspectos multidimensionais da agroecologia. Para facilitar o processo de análise e síntese de cada experiência, foi utilizada a metodologia da “rosa dos ventos”, descrita no item anterior, cujos resultados se encontram a seguir.

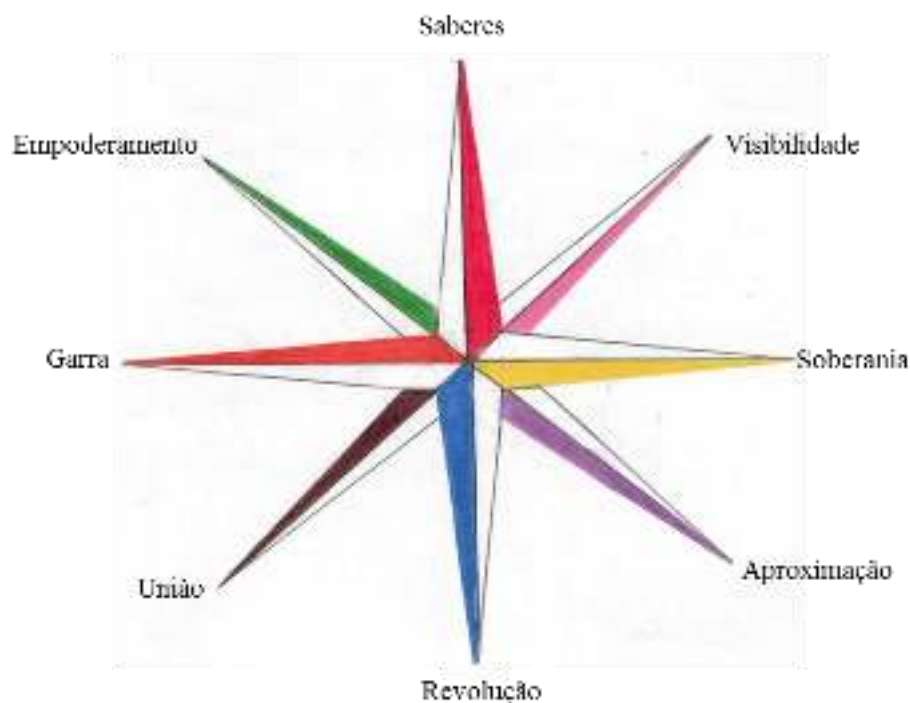
Experiência 1: criação da feira de produtos agroecológicos no IFES campus Santa Teresa, em parceria com a Associação Santa Teresa de Agroecologia.

O início da articulação para criação da primeira associação de agricultores agroecológicos de Santa Teresa ocorreu no ano de 2014, a partir da parceria entre a Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento - SMAD, o NEA Arandu e o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santa Teresa (STR-ST). Após várias ações de capacitação dos agricultores/as interessados/as, nas quais os membros do NEA tiveram envolvimento efetivo, a ASTRAL foi oficializada no ano de 2015 e, desde então, a parceria ASTRAL/NEA tem se fortalecido a partir de iniciativas integradas que potencializam ambas as instituições.

A parceria ASTRAL/NEA não se restringe ao aspecto técnico-produtivo, mas também, de educação ambiental, formação cidadã, consumo consciente e sustentabilidade. Nesse sentido, o Arandu inseriu como Plano de Trabalho a partir de 2016, a criação de uma feira de produtos agroecológicos nas dependências do IFES campus Santa Teresa em parceria com a ASTRAL. Depois de vencer uma série de trâmites burocráticos para sua legalização, a feira foi inaugurada no segundo semestre daquele ano e, desde essa época, representa uma oportunidade de aprendizado prático constante para os integrantes do Arandu e também para os agricultores da ASTRAL.

Na figura 1 estão apresentadas as palavras que, na concepção do NEA Arandu, representam a “rosa dos ventos” da parceria ASTRAL/NEA. Termos como “soberania” e “revolução” são um indicativo do entendimento de que a feira agroecológica no IFES é uma ação estratégica para desenvolver a percepção crítica da força política do ato alimentar, numa perspectiva de reflexão sobre os moldes atuais da agricultura como um contraponto a influência gerada pelo agronegócio. A feira agroecológica é, portanto, um ambiente de valorização dos conhecimentos camponeses, de resgate e manutenção da agrobiodiversidade, contribuindo para a realocação do sistema agroalimentar (SCHMITT, 2011).

A feira também deu maior “visibilidade” ao NEA em nível institucional, além de força para argumentar com coerência em favor da agroecologia frente aos constantes embates com aqueles que, no âmbito acadêmico, se negam a aceitar que existem alternativas viáveis ao modelo convencional de agricultura. Usando as palavras de um dos integrantes do NEA, “(...) com a feira ficou mais fácil mostrar que a agroecologia dá certo” (João Luis Frizzera Junior).



ASTRAL

Em Santa Teresa os agricultores agroecológicos se organizaram em associação para coletivamente conquistarem espaços, quebrando paradigmas que garantam a segurança alimentar. Com muita garra, vontade e amor, a ASTRAL, a Prefeitura Municipal, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o NEA Arandu, decidiram iniciar uma revolução no campus, tão metódico e convencional, derrubando os muros burocráticos e iniciando a primeira feira agroecológica em um Instituto Federal no ES. Muito mais que alimento saudável, a feira permite uma aproximação e união entre agricultores, servidores, alunos, professores e comunidade em geral, ampliando a troca de saberes e o empoderamento das mulheres, das famílias e diferentes gerações. Força do coletivo e valorização da agroecologia foram pontos essenciais para dar visibilidade ao NEA e seus parceiros, mostrando a coragem desse movimento.

Figura 1. Rosa dos ventos construída a partir do processo de análise e síntese da parceria entre o NEA Arandu e a ASTRAL.

Outro termo de forte significado utilizado para representar essa experiência foi “aproximação”, já que a feira possibilitou um estreitamento das relações com os agricultores da ASTRAL que vai muito além dos aspectos técnicos de assessoria com base em conhecimentos científicos/acadêmicos. É possível constatar que essa relação também é de valorização e de reconhecimento das potencialidades que essa “união” possibilita, tendo em vista que a integração dos saberes científicos com os saberes populares coloca esses agricultores numa condição de atores do processo de construção coletiva do conhecimento. Isso fica bem evidenciado na fala de uma das integrantes do NEA, quando afirma que:

(...) Entre os inúmeros projetos que já participei e que presenciei no Nea, a abertura da Feira Agroecológica dentro do IFES campus Santa Teresa foi a que mais me marcou. A interação do grupo com os agricultores da ASTRAL me proporcionou conhecer a história das famílias, seus cultivos e o modo como realizam o manejo. Além disso, fiz novas amizades e o carinho que tenho por estes agricultores e os conhecimentos adquiridos vou levar para toda a vida (Paula Alberti Bonadiman).

O “empoderamento”, outro dos termos representativos abordados pelos participantes da sistematização, revelou uma percepção diferenciada do grupo em relação aos ganhos proporcionados pela feira, não apenas no contexto da troca de conhecimentos, mas no fato de que essa experiência tem

promovido uma maior união entre as famílias de agricultores, o fortalecimento do papel das mulheres camponesas e o envolvimento da juventude rural, ampliando sua importância ao dar sentido à dimensão social da sustentabilidade, defendida pela agroecologia.

Experiência 2: implantação do banco comunitário de sementes crioulas no IFES campus Santa Teresa.

A implantação do banco comunitário de sementes crioulas no IFES campus Santa Teresa representa a ação principal do projeto intitulado “Banco comunitário de sementes crioulas: um elo de integração e resgate da identidade da agricultura familiar”, aprovado pelo Arandu na Chamada MCTI/MAPA/CNPq Nº 40/2014. O projeto foi concebido seguindo a premissa de que as sementes crioulas ou locais constituem, dentro da mais legítima fidelidade, um dos principais ou mais importantes elos de integração cultural, de cooperação e de partilha mútua entre os povos.

Além de se propor a incentivar o resgate e a valorização do cultivo e multiplicação de variedades crioulas no município de Santa Teresa, o Arandu teve como foco, por meio desse projeto, envolver os jovens estudantes numa perspectiva de oportunizar-lhes troca de saberes e experiências com os agricultores/as ao atuarem como sujeitos na busca do conhecimento e do resgate da história e dos costumes vinculados às sementes crioulas.

O êxito do projeto extrapolou as expectativas, já que atingiu uma dimensão muito maior do que estava planejado em termos de número de agricultores, parcerias e municípios envolvidos. A participação efetiva dos integrantes dos Arandu nas ações foi significativa para o sucesso do projeto e proporcionou o desenvolvimento de um olhar crítico sobre as questões que envolvem as sementes crioulas. Os estudantes puderam constatar na prática que grande parte dessas espécies e cultivares tradicionais, originadas por seleção massal na propriedade ou por meio de troca com outras famílias, vem se perdendo em função da substituição por sementes híbridas e transgênicas, bem como pela adoção de práticas inapropriadas de cultivo, seleção e conservação.

É possível perceber a importância do projeto para a formação dos estudantes envolvidos, a partir da fala de um dos integrantes do NEA Arandu que nunca havia tido contato anterior com a temática das sementes crioulas:

(...) o projeto me mostrou o verdadeiro valor de uma semente. Não somente seu valor comercial ou genético, mas seu valor social e cultural. O valor que uma porção de semente adquire no mercado é diferente do valor que elas adquirem ao serem plantadas pela mesma família há décadas ou até há mais de um século (Antonio Carlos Borsoi Neto).

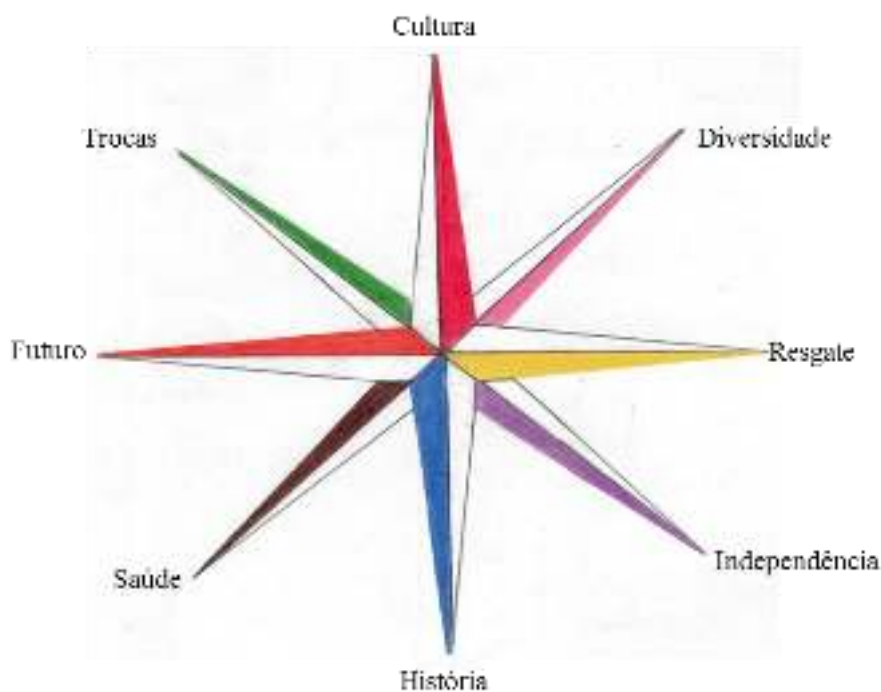
A construção da “rosa dos ventos” dessa experiência revelou a percepção dos integrantes do NEA Arandu quanto a importância social do projeto, ao utilizarem como termos representativos “história”, “resgate” e “trocas” (Figura 2). Esses termos denotam o entendimento de que as sementes crioulas possuem uma conexão direta com a história de vida de cada família e, assim, o resgate de sementes também se torna resgate de sentimentos, como pode ser observado no depoimento de um dos estudantes que participa do projeto: “(...) pude conhecer a imensidão de variedades de sementes que existem e pude ver a alegria de agricultores ao encontrar uma semente que era plantada pelos seus pais e acabou se perdendo com o tempo” (João Vitor Zuffelato).

Também é evidente a percepção da dimensão política da experiência, ao utilizarem termos como “independência”, “saúde” e “futuro”, no mesmo contexto defendido pela ANA (2012), que a semente é uma expressão da contradição entre uma perspectiva de desenvolvimento rural fundamentada na agricultura familiar camponesa e agroecológica e outra orientada pela lógica do agronegócio. Atualmente existe a compreensão dos integrantes do núcleo de que

os verdadeiros guardiões das sementes são os agricultores, mas eles, como explica o professor coordenador do projeto:

(...) vem sendo furtados de forma sorrateira e perversa em nome de uma revolução tecnológica que lhes retribuem em troca, pacotes modificados que lhes tiram a independência e comprometem diretamente a sua saúde e a do povo consumidor, pondo em risco a garantia de um futuro seguro às novas gerações (Francisco Braz Daleprane).

Os termos “diversidade” e “cultura” são citados no sentido de que a variabilidade de origens, tamanhos, cores e formatos das sementes crioulas dão um “colorido de esperança” à sociedade, por representarem um importante elo de cooperação, integração cultural e um retorno às tradições que já existiram de forma plena e exuberante em todo o meio rural.



SEMENTES CRIULAS

O projeto de sementes crioulas vem resgatando não somente as sementes que estavam sendo perdidas, mas também o sonho do produtor de obter independência. Cada semente carrega consigo a história de uma região, de uma vida e de uma cultura. Mesmo com os desafios enfrentados, os frutos colhidos são inúmeros, entre eles, a troca de experiência devido a convivência com os agricultores, respeito com o presente, o futuro e com a nossa saúde. Muito mais que um resgate, as sementes crioulas trazem diversidade, colorindo de esperança nossa sociedade incolor.

Figura 2. Rosa dos ventos construída a partir do processo de análise e síntese do projeto de implantação do banco comunitário de sementes crioulas no IFES campus Santa Teresa.

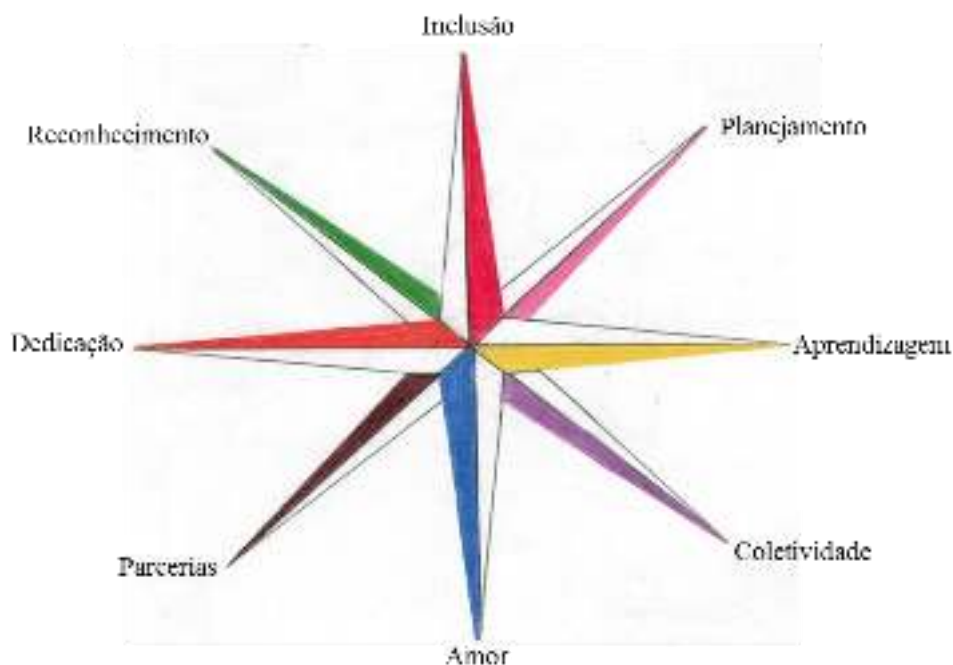
Experiência 3: projeto inclusão em movimento em parceria com a Pestalozzi/APAE.

Essa foi a mais desafiadora de todas as experiências vividas pelos integrantes do NEA Arandu, já que sua abrangência envolveu o contato com assuntos ainda pouco priorizados nos processos de formação do Núcleo. Alcançar os resultados esperados exigiu não apenas romper os paradigmas de uma agricultura tradicionalmente pautada no modelo do agronegócio, mas também, de transformar uma sociedade tradicionalmente segregadora num espaço mais inclusivo de convivência.

O projeto foi realizado em parceria com os estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (matriculados no componente curricular "Diversidade e Educação") e a Associação Pestalozzi de Santa Teresa. Teve como objetivo, construir conhecimentos sobre a diversidade social e inclusão escolar, desenvolvendo estratégias pedagógicas adequadas ao público da educação especial e que fossem relacionadas com a temática da biodiversidade, com ênfase na Agroecologia.

A metodologia utilizada na primeira edição do projeto foi baseada em oficinas que abordaram aspectos e práticas relacionados à vida no solo, utilizando como ferramentas pedagógicas teatros, fantoches, paródias entre outros, culminando na construção de um viveiro de mudas da Mata Atlântica, no qual os educandos da Pestalozzi compreenderam a importância do solo vivo para a reabilitação de áreas degradadas. Em sua segunda edição o projeto abordou, mais especificamente, a produção de húmus por meio da vermicompostagem, tendo em vista a afinidade que os educandos apresentaram por esse tema na primeira edição do projeto. Nesse caso, as metodologias envolveram a condução de pequenos experimentos, estudos de laboratório, concurso de desenhos e, por fim, um circuito de oficinas ministradas pelos próprios educandos para a comunidade escolar do IFES, culminando com a venda do húmus produzido.

A experiência foi tão intensa no aspecto da formação humana que despertou no Núcleo a necessidade de aprofundar as discussões em relação a temas como diferenças, preconceitos e privilégios. Momentos de estudos foram especificamente pensados para debater esses assuntos, utilizando-se de metodologias lúdicas como a "caminhada do privilégio" (CASTRO, 2016) e a "dinâmica dos rótulos" (LOPES et al., 2010), para promover o autoconhecimento e a valorização da convivência com a diversidade. Assim, a "aprendizagem", um dos termos utilizados na "rosa dos ventos" para simbolizar essa experiência (Figura 3), é uma referência que denota mais um "vir do que ir" na troca de saberes vivenciada especialmente com os educandos da Pestalozzi.



PESTALOZZI/APAE

No decorrer de todo esse tempo no qual participamos do projeto Pestalozzi/APAE, através de parcerias, planejamento e dedicação, aprendemos um novo jeito de ensinar, de maneira à vencer os desafios de promover a inclusão. Por meio da coletividade, vemos que a aprendizagem é uma troca de saberes, mas sobretudo de amor. Assim, o reconhecimento é apenas um dos frutos dessa grande diversidade.

Figura 3. Rosa dos ventos construída a partir do processo de análise e síntese do projeto Inclusão em Movimento, desenvolvido em parceria com a Pestalozzi/APAE.

Os termos “planejamento” e “dedicação” referenciam a seriedade com que os integrantes do NEA trataram cada ação, em vista do respeito, mas também da insegurança de não saber se as ações previstas efetivamente se reverteriam em construção do conhecimento para as pessoas com necessidades específicas. Segundo Zorthêa et al. (2017) educar para a diversidade não significa apenas reconhecer a diferença, mas construir caminhos possíveis para o seu convívio democrático.

O interesse por parte dos educandos e o nível de aprendizagem do conteúdo trabalhado foi surpreendente. Um número significativo de educandos demonstrou capacidade de relatar e multiplicar várias das atividades desenvolvidas durante o projeto. Esse resultado foi muito gratificante, e o “reconhecimento”, outro termo representativo dessa experiência, foi marcado por momentos de muita emoção em função de homenagens preparadas pelos educandos em agradecimento à equipe do projeto. O “amor” é sem dúvidas o termo mais apropriado para resumir o sentimento mútuo que marcou intensamente essa parceria.

Lições aprendidas - Considerações finais

Freire (1983) afirma que a “práxis” é um processo educativo em si, no qual a transformação da percepção não é apenas um exercício intelectual, mas demanda ação sobre a realidade e a reflexão sobre a ação. A sistematização proporcionou aprendizados ao expor fragilidades, como a necessidade do Arandu frequentemente avaliar e refletir sobre suas ações, numa perspectiva freiriana da práxis. A partir da intervenção da equipe do Projeto de Sistematização da ABA a importância deste processo foi evidenciada.

Uma das descobertas foi a identidade do grupo, “a cara do NEA Arandu” que, na percepção conjunta dos seus integrantes, pode ser assim resumida:

O Arandu é síntese de conhecimento, movido por resistência e desafios. O amor que sentimos nos faz vencer obstáculos e, apoiado em parcerias, disseminamos pelo mundo as sementes do saber. As diversidades do nosso grupo fortalecem nossas ações e a juventude sempre inclusa, com compromisso e rebeldia, traz visibilidade à agroecologia.

A sistematização de experiências permitiu a construção de uma visão ampliada e crítica da importância estratégica da agroecologia e da inserção do NEA Arandu neste contexto. A equipe do NEA Arandu percebeu a importância das políticas públicas para o fortalecimento da agroecologia no contexto nacional. Os editais e o próprio Projeto de Sistematização da ABA foram fundamentais para a existência, manutenção e sistematização das experiências dos NEAs no Brasil.

No contexto mais local, as reflexões demonstram que o Arandu cumpre uma função agregadora e potencializadora das ações que fortalecem a tríade agroecológica da ciência, movimento e prática, não limitando a construção do conhecimento agroecológico a uma disciplina no IFES de Santa Teresa. As atividades desenvolvidas pelo NEA Arandu são transformadoras e isso cresce em importância por envolver principalmente um público jovem. A juventude, na perspectiva apresentada por Dayrell (2003), é um processo que não se reduz apenas a uma passagem da vida e sim uma das principais fases de formação sociocultural e ética do indivíduo.

O papel (trans)formador do NEA Arandu pode ser resumido na poesia de Humberto Vieira Lucas Junior, um dos seus jovens integrantes, quando afirma:

Às vezes a sabedoria é tão grande, que nos faz sermos estapafúrdios.
Às vezes a sabedoria é tão grande, que nos faz sermos esporádicos.
Às vezes a sabedoria é tão grande, que nos faz sermos energúmenos.

Às vezes a sabedoria é tão grande, que nos faz sermos egocêntricos.
 Às vezes a sabedoria é tão grande, que nos faz sermos insanos.
 Porém, poucas vezes a sabedoria é tão grande, que nos faz sermos sábios.

A equipe do NEA Arandu, ao reconhecer suas potencialidades e fragilidades, numa perspectiva de humildade e de seres inacabados, reafirma sua missão de construir conhecimento agroecológico inspirado na memória e na sabedoria daqueles que se dispõem a ser verdadeiramente sábios.

Agradecimentos

Ao consórcio formado pela SETEC/MEC, SDC/MAPA, SECIS/MCT e CNPq, pelo apoio financeiro que viabilizou a criação e manutenção do NEA Arandu.

Ao IFES pelo apoio logístico para estruturação do setor de agroecologia e pela disponibilização de bolsas de extensão para integrantes do NEA Arandu.

À equipe do projeto de sistematização da ABA pela oportunidade dada ao NEA Arandu de sistematizar suas experiências a partir de metodologias inovadoras e pelo acompanhamento dedicado e carinhoso durante todo o processo.

Às instituições parceiras, por ajudarem a construir coletivamente a história do NEA Arandu.

A todos/as os/as integrantes e ex-integrantes do NEA Arandu, por darem sentido à existência do Núcleo.

Referências

- ANA - Articulação Nacional de Agroecologia. **Oficina sobre Sementes Crioulas e Políticas Públicas**. Brasília: Relatório ANA, 2012. 35 p. Disponível em: < <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2012/10/Relato-Oficina-ANA-Sementes-BSB-set20121.pdf> >. Acesso em: 13 ago. 2017.
- BARROS, E.P., ARAÚJO, A. Agroecologia e transdisciplinaridade: considerações acerca da crítica agroecológica ao enfoque técnico-científico da Revolução Verde. **Ciências Sociais em Perspectiva**, v.15, n. 28, p. 83-95, 2016.
- BRANDÃO, C.R. **Seminário Intercultural de Educação do Campo**. Comunicação oral. Santa Teresa: IFES, 2014.
- CADERNO de apoio: sistematização de experiências dos Núcleos de Estudos em Agroecologia. [S.l.: s.n.], 2017?. 28p.
- CAPORAL, F. R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: MDA/SAF, 2009. 30 p.
- CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. Análise Multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.3, n.3, p. 70-85. 2002.
- CASTRO, A. **Caminha dos privilégios**. São Paulo: GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra, 2016. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/caminhada-do-privilegio> >. Acesso em: 13 ago. 2017.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, n.24, p.40-52, 2003.
- FALKEMBACH, E.M.F. **Sistematização: juntando cacos, construindo vitrais**. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, [s.d.]. 10 p. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3139554/mod_resource/content/1/Juntando%20cacos%2C%20construindo%20vitrais%20-%20Elza%20Maria%20Fonseca.pdf >. Acesso em: 13 ago. 2017.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 184 p.
- LOPES, F. et al. (Orgs.). **Gêneros: Adolescentes e jovens para a educação entre pares – saúde e prevenção nas escolas**. Brasília: Ministério da Saúde. Série Manuais, nº 69. 1.ed. 2010. 64 p. Disponível em <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/guia_generos.pdf> Acesso em: 13 ago. 2017.
- MILANEZI, M. H. et al. A prática do ensino integrado na perspectiva da transdisciplinaridade: uma proposta inicial para integração de conteúdos. **Revista RETA**, v. 10, n. 13, p. 23-37, 2016.
- PREZOTTI, L. Núcleo de Desenvolvimento Agroecológico – NDA: experiência de construção do conhecimento agroecológico no ensino médio integrado em agropecuária do IFES campus Santa Teresa - ES. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 6, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/12652>>. Acesso em: 11 ago. 2017.
- PREZOTTI, L. et al. Núcleo de Estudos em Agroecologia – NEA: experiência de construção do conhecimento agroecológico no IFES campus Santa Teresa – ES. In.: Oliveira, M.L. (org.). **Relatos de experiências em Manejo Agroecológico**. Colatina: IFES, 2012. p. 48-53.

SCHMITT, C. J. Encurtando o caminho entre a produção e o consumo de alimentos. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.8, n.3, p. 4-8, 2011.

ZORTHÊA, K.S. et al. Inclusão em movimento: uma parceria IFES e Associação Pestalozzi de Santa Teresa/ES. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 12, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/22378>>. Acesso em: 14 ago. 2017.